

## Repercussões Emocionais, Sociais e na Rotina em Mulheres Vítimas de *Stalking*

## Emotional, Social and Routine Repercussions in Women Victims of Stalking

## Repercusiones Emocionales, Sociales y Rutinarias en Mujeres Víctimas de Stalking

*Bianca Zambelli Alves(1); Clarissa De Antoni(2)*

1 Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA), Porto Alegre, RS, Brasil.

E-mail: biancazambellialves@gmail.com | ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-5671-6441>

2 Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA), Porto Alegre, RS, Brasil.

E-mail: clarissad@ufcspa.edu.br | ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-4521-9148>

**Revista de Psicologia da IMED**, Passo Fundo, v. 15, n. 1, p. 66-82, janeiro-junho, 2023 - ISSN 2175-5027

[Submetido: jan. 17; Revisão: mar. 8, 2023; Aceito: mar. 22, 2023; Publicado: ago. 7, 2023]

DOI: <https://doi.org/10.18256/2175-5027.2023.v15i1.4667>

Sistema de Avaliação: *Double Blind Review*

Editora: Márcia Fortes Wagner

Como citar este artigo / To cite this article: [clique aqui! / click here!](#)

## Resumo

O *stalking* é um fenômeno caracterizado por comportamentos de perseguição e assédio à vítima. O objetivo deste estudo foi conhecer a percepção de mulheres vitimadas pelo comportamento *stalker* a respeito das repercussões em suas vidas. Foram entrevistadas seis jovens mulheres, entre 22 e 28 anos. Os instrumentos utilizados foram uma ficha de dados sociodemográficos e uma entrevista individual semiestruturada, ambos elaborados pelas pesquisadoras. Por meio da Análise Temática encontraram-se três modalidades das repercussões existentes: emocionais, sociais e nas rotinas. Nas repercussões emocionais aparecem o medo, a culpa, o incômodo e a raiva; nas repercussões sociais emergem as consequências nos relacionamentos e nas redes sociais; já nas repercussões na rotina, discutem-se as alterações nas atividades diárias e no deslocamento físico. Por fim, compreende-se que as repercussões desencadeadas pelo *stalking* vivenciado são severas e estão inter-relacionadas numa circularidade causal. Essas repercussões afetam negativamente a vida dessas mulheres e provocam um sofrimento intenso.

*Palavras-chave:* Perseguição, Assédio não sexual, Violência contra a Mulher.

## Abstract

The Stalking is a phenomenon characterized by stalking behaviors that harass the victim. The objective of this study was to know the perception of women victimized by the Stalker behavior regarding the repercussions in their lives. Six young women, between 22 and 28 years old. The instruments used were a sociodemographic data sheet and a semi-structured individual interview prepared by the researchers. Through the Thematic Analysis, we found three modalities of the existing repercussions: emotional, social and in the routine. In the emotional repercussions appear fear, guilt, discomfort and anger; in the social repercussions emerge the consequences in the relationships and in the social networks; in the repercussions in the routine, changes in daily activities and physical displacement are discussed. Finally, it is understood that the repercussions caused by the Stalking experienced are severe and are interrelated in a causal circularity. These repercussions negatively affect the lives of these women and they cause intense suffering.

*Keywords:* Stalking, Harassment no sexual, Violence against Women.

## Resumen

El acecho es un fenómeno caracterizado por conductas de acecho y acoso a las víctimas. El objetivo de este estudio fue conocer la percepción de las mujeres victimizadas por el comportamiento del acosador sobre las repercusiones en sus vidas. Se entrevistó a seis mujeres jóvenes, entre 22 a 28 años. Los instrumentos utilizados fueron una ficha sociodemográfica y una entrevista individual semiestruturada, ambas elaboradas por los investigadores. A través del Análisis Temático se encontraron tres modalidades de repercusión existente: emocional, social y en las rutinas. Las repercusiones emocionales incluyen miedo, culpa, molestia e ira; en las repercusiones sociales, emergen las consecuencias en las relaciones y redes sociales; en las repercusiones en la rutina se comentan los cambios en las actividades diarias y el desplazamiento físico. Finalmente, se entiende que las repercusiones provocadas por el acecho vivido son severas y están interrelacionadas en una circularidad causal. Estas repercusiones afectan negativamente la vida de estas mujeres y provocan un sufrimiento intenso.

*Palabras claves:* Acecho, Acoso no sexual, Violencia contra la mujer.

## Introdução

A violência advinda da desigualdade de gênero é amplamente estudada em diversos países e trata-se de um fenômeno que repercute problemas em diferentes áreas sociais, além de violar os direitos humanos (Lacerda Almeida & Borba, 2022). Dados da Organização Mundial da Saúde (OMS) informam que 35% das mulheres no mundo já sofreram violência física e/ou sexual durante a vida (OPAS, 2023).

No Brasil, as mulheres perseguidas, ameaçadas e perturbadas por pessoas as quais não mantiveram um relacionamento íntimo passaram a ser contempladas pela Lei 14.132 de 31 de março de 2021, a qual preenche lacunas que ainda existiam no que diz respeito à proteção e diminuição dos índices de homicídios femininos. A Lei torna crime o comportamento *stalking* (termo em inglês utilizado para referir-se à perseguição). O fenômeno *stalking* se caracteriza por comportamentos repetitivos que assediam um indivíduo persistentemente, que são indesejados e resultam em medo e ameaça à vítima (Owens, 2016).

O *stalking* pode ser compreendido também como um ciclo, a partir de um modelo multidimensional baseado em três aspectos. O primeiro trata-se do comportamento de perseguição intencional, no qual são identificadas a intimidação, invasão na vida da vítima, vigilância, interferências e/ou ataques por parte do *stalker* (perseguidor ou pessoa que pratica o *stalking*). Posteriormente surge o medo por parte da vítima em função das ameaças que podem ser implícitas e explícitas. Por fim, observa-se a resistência da vítima e a insistência do *stalker* (Logan & Walker, 2017).

Em relação à especificidade dos comportamentos demonstrados pelo *stalker*, foram identificaram um número significativo de estudos sobre o tema, o que forneceu a possibilidade de organizá-los em grupos, de forma a compreender a intensidade e características destes comportamentos em relação às vítimas (Spitzberg & Cupach, 2007). Os grupos são: hiperintimidade, contatos mediados, contatos interacionais, vigilância, invasão, assédio e intimidação, coerção e ameaça e agressão. Na hiperintimidade, o *stalker* realiza ações que podem parecer típicas de um relacionamento afetivo, entretanto essas aparecem em excesso, o que acaba por vezes sendo romantizado pela sociedade, já que demonstram características intensas de amor romântico. Os contatos mediados correspondem ao que encontramos na literatura como *cyberstalking* e compreendem repetidos esforços para estabelecer comunicação através de meios tecnológicos. Contatos interacionais são comportamentos de contato direto através de abordagens, perseguição em atividades e locais comuns e/ou contato indireto através de outras pessoas. Na vigilância, o *stalker* observa a vítima em locais públicos, podendo seguir e *hackear* (burlar a segurança de um sistema computacional) para obter informação sobre a vítima sem a consciência desta. Já a invasão envolve a violação dos limites pessoais, como ocorre em roubo de informações e invasão na

propriedade da vítima. Já o assédio e intimidação podem ocorrer através de atividades agressivas destinadas a perturbar a vítima, como rumores, telefonemas frequentes, vigília nos locais onde a vítima circula, entre outros. Na coerção e ameaça a agressão fica mais explícita para a vítima e sua rede. Nessas situações, com a intenção de obter controle, o *stalker* pode ameaçar tanto a própria vítima quanto seus familiares, amigos, animais de estimação e até destruir patrimônios. Por fim, a agressão pode ser explicitada através de vandalismo, uso de arma, assalto, tentativa de suicídio, tentativa de estupro e estupro, tentativa de homicídio (Spitzberg & Cupach, 2007).

A maioria dos níveis abordados corresponde a comportamentos que podem ultrapassar a concepção de *stalking* e desta forma se tornam contemplados em leis brasileiras existentes, como é o caso de roubo, agressão, vandalismo, assalto, entre outros. Todavia, questiona-se o viés da desigualdade de gênero e a necessidade de um olhar mais específico para esta questão. No que compreende a desigualdade de gênero na vitimização por *stalking*, as pesquisas realizadas no Canadá, Portugal e Estados Unidos demonstraram essa diferença, sendo que cerca de 10 a 15% das mulheres já sofreram *stalking*, enquanto somente 5% dos homens (Breiding, 2014; Matos et al., 2019; Reyns, Henson, Fisher, Fox, & Nobles, 2016).

No Brasil, um estudo sobre prevalência de vitimização por *stalking* com 205 estudantes universitários, identificou que das participantes que afirmaram terem sido vítimas, citaram que o *stalker* (perseguidor) era um homem (Boen & Lopes, 2019). Com adolescentes, os dados encontrados não demonstraram diferenças significativas entre os gêneros (Borges & Dell’Aglia, 2019). Cabe salientar ainda que geralmente o *stalker* é uma pessoa conhecida da vítima, como vizinhos, amigos ou colegas, inclusive ex-parceiros (Matos et al., 2019), o que pode contribuir para o acesso a informações sobre a vítima.

O *stalking* pode repercutir de diferentes formas na vida das vítimas afetadas pelo fenômeno, sendo que os maiores prejuízos relatados em diferentes países referem-se à saúde psicológica (Boen & Lopes, 2019; Edwards & Gidycz, 2014; Matos et al., 2019). Outras formas referidas compreendem perda de produtividade econômica e consequentes repercussões para amigos e familiares da vítima (Peterson et al., 2018), repercussões físicas decorrentes dos impactos emocionais (Ngo & Paternoster, 2016), sentimento de vulnerabilidade (Logan & Walker, 2019), mudança de estilo de vida e impactos nos relacionamentos íntimos (Matos et al., 2019) e comprometimento na área acadêmica – estudo com população universitária (Banyard et al., 2017). Nos casos de *stalking* em que a perseguição ocorre entre ex-parceiros, as maiores repercussões se relacionam ao estresse pós-traumático e à sensibilidade interpessoal, uma vez que aspectos como depressão e empoderamento pessoas ficam influenciados anterior ao rompimento e se explicam pelo abuso do parceiro (Edwards & Gidycz, 2014). Um estudo alemão afirma que as mulheres exibiam maiores sintomas depressivos, ansiedade e sintomas somatoformes do que os homens, o que pode indicar que as

repercussões à exposição ao *stalking* acarretam influências distintas entre os gêneros (Kuehner et al., 2012).

O *stalking* já é criminalizado e amplamente estudado internacionalmente, principalmente nos Estados Unidos da América (EUA) e só passou a ser debatido e tornou-se crime no Brasil recentemente. Desta forma, são escassas as pesquisas realizadas e a publicação de estudos nacionais a respeito do tema, sendo encontrados até 2021 apenas três artigos relacionados diretamente ao tema (Borges & DellAglío, 2019; Boen & Lopes, 2019; Prando & Borges, 2020). Portanto, a realização de estudos com a população brasileira, de forma geral, e especificamente com mulheres jovens – o perfil mais identificado nos estudos internacionais – é inovadora e necessária para a compreensão desse fenômeno no contexto brasileiro.

Com isso, o objetivo deste artigo é apresentar os resultados e reflexões de um estudo advindo de uma pesquisa qualitativa inédita no Brasil que identificou qual é a concepção de jovens mulheres brasileiras vitimadas pelo *stalking* a respeito das repercussões dessa experiência em suas vidas. Essas repercussões estão diretamente relacionadas à interpretação dessa vivência.

## Método

### Participantes

Participaram da pesquisa qualitativa exploratória seis mulheres, entre 22 a 29 anos, com escolaridade superior incompleta ou completa, que foram vítimas nos últimos cinco anos. Todas são residentes da região metropolitana de Porto Alegre/RS. A seleção ocorreu por indicação de casos conhecidos pelas pesquisadoras e de sua rede de atendimento e pela divulgação nas redes sociais. O grau de relação com o *stalker* foi: três ex-namorados, uma ex-namorada e dois colegas de turma. Tipos de *stalking* sofridos foram: todas com contatos imediatos e mediados, 05 com vigilância, 04 com Assédio e intimidação, 03 com Hiperintimidade, 02 com Invasão e 02 Coerção e ameaça (Alves, Carrion, Oliveira, & De Antoni, 2022).

Como critérios de exclusão, não foram consideradas neste estudo mulheres que estivessem sofrendo *stalking* no período em que ocorreu a coleta de dados. Esse estudo cumpriu o critério de saturação dos dados. Os nomes apresentados nesse estudo são fictícios para preservar a identidade das participantes.

### Instrumentos

Os instrumentos utilizados foram uma ficha de dados sociodemográficos e uma entrevista individual semiestruturada, os quais foram elaborados pelas pesquisadoras. A ficha de dados coleta informações sobre o nível de escolaridade, idade, atividade

profissional, entre outras informações pessoais. A entrevista semiestruturada foi composta por 21 (vinte e uma) questões abertas e fechadas, contemplando aspectos da percepção das vítimas de como ocorreram as perseguições, assim como das repercussões que identificaram após o(s) episódio(s). Como por exemplo: Como você conheceu o *stalker* (perseguidor)? Como ele era? Como ocorreram as situações? Quanto tempo durou o *stalking* (perseguição)? Quando você identificou que era uma situação de *stalking* (perseguição)? Especificamente para esse artigo foram analisadas as respostas das perguntas: Você acha que essas vivências trouxeram alguma repercussão emocional? De que forma? Você acha que essas vivências trouxeram alguma repercussão nos seus relacionamentos amorosos? De que forma? Você acha que essas vivências trouxeram alguma consequência social? De que forma? Mudou algum hábito ou comportamento após esta vivência? Quais?

### **Procedimentos éticos**

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre, sob o parecer nº 3.784.253. Todas assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O acesso às participantes foi por meio das redes sociais e contatos das pesquisadoras. Quatro entrevistas foram realizadas presencialmente. Em função da necessidade de isolamento social decorrente da pandemia pelo Coronavírus (COVID-19), duas entrevistas foram feitas on-line em uma sala virtual. Todas foram orientadas quanto ao sigilo: a utilizarem fones de ouvido e a permanecerem em um local tranquilo, com privacidade. As entrevistas ocorreram entre fevereiro e maio de 2020. Neste estudo foram analisadas as respostas que envolviam aspectos sobre as percepções acerca das emoções sentidas e as alterações e impactos sociais e na rotina em função do *stalking*.

### **Procedimentos de análise de dados**

A análise dos dados foi realizada qualitativamente pelo método da Análise Temática (Braun & Clarke, 2019). A avaliação da qualidade dos temas elencados para a apresentação dos achados em relação à percepção das participantes sobre suas vivências como vítimas de *stalking* foi feita através de julgamentos independentes realizados por dois juízes. Os juízes avaliaram a coerência entre os temas e as falas descritas.

### **Resultados**

Três temáticas relacionadas às percepções sobre as repercussões na vida das participantes durante o período em que sofreram *stalking* foram identificadas. A



nomenclatura escolhida dos temas são “Repercussões emocionais”, “Repercussões sociais” e “Repercussões na rotina” e cada uma possui subtemas, estabelecidos e organizados a fim de abordar todas as manifestações encontradas sobre as percepções das vivências.

Nas repercussões emocionais aparecem os sentimentos de medo, culpa, incomodo e raiva. As repercussões sociais foram identificadas nos relacionamentos e nas redes sociais e, as repercussões na rotina estão relacionadas à alteração nas atividades e no deslocamento físico.

## Discussão

### Repercussões emocionais

Todas as participantes relataram repercussões emocionais. Na literatura é possível evidenciar altos índices de impacto no bem-estar e na saúde psicológica das vítimas de *stalking*, com variação de 36% a 70% das mulheres (Boen & Lopes, 2019; Matos, 2019). Além disso, emoções como raiva, paranoia, depressão, sintomas de estresse pós-traumático, entre outros foram mapeados e descritos como impactos do *stalking* em uma meta-análise com 175 estudos sobre o tema (Spitzberg & Cupach, 2007).

Apesar das vivências terem aspectos subjetivos, foram relatadas em nossa pesquisa emoções como desespero, preocupação, desconfiança, medo, culpa, raiva e incômodo. De forma geral, as emoções que tiveram maior ênfase serão discutidas em categorias dentro desta temática, sendo elas: medo, culpa, incômodo e raiva.

O medo é uma emoção que ao longo da evolução está atrelado à uma reação a perigos, o que antecede e promove a preparação à fuga. No contexto sócio-histórico atual está associado também a eventos avaliados como ameaçadores e que causam a sensação de incerteza e falta de controle sobre o que pode ocorrer (Ekman & Cordaro, 2011). Em um viés de equidade de gênero (ou da falta desta), sabe-se que mulheres percebem maior risco, sentem maior desconforto ao pensar em segurança e experienciam mais medo do que os homens, o que se explica e relaciona diretamente ao fato de serem mais afetadas por comportamentos de perseguição (Logan & Walker, 2019).

Nos relatos das participantes percebeu-se diferentes intensidades de medo em função dos diferentes tipos de *stalking*, das particularidades e subjetividades de cada história. Palavras como “assustadora”, “aterrorizante”, “ameaçada” e “pânico” foram descritas pelas vítimas além da própria palavra “medo”, conforme o relato de Simone: “*eu acho que o que eu mais senti em todas situações foi sempre um medo, assim, tipo, um medo muito grande dele*”.

Dietz e Martin (2007) indicam que mulheres que tiveram mais experiências com *stalking* sentiram mais medo. Além disso, existem diferenças entre sofrer *stalking* de um ex-parceiro/parceira e alguém desconhecido. De acordo com alguns estudos,

mulheres vítimas de ex-cônjuge sentem mais medo ou maior impacto emocional (Dietz & Martin, 2007; Sheridan & Lyndon, 2012). A fala a seguir, dita por uma vítima de *stalking* feito por um ex-companheiro, demonstra o sentimento de medo relacionado a uma ambivalência em relação à vivência: “...Pois então, primeiro eu tive muito medo, né? Porque num primeiro momento a gente não acredita, né? Que a pessoa seja capaz de fazer, falar... fazer o que fala, né?” (Nísia).

O medo relatado pelas participantes permeou a decisão de buscar apoio jurídico ou não. O acesso a este recurso esteve mais próximo das mulheres que tiveram algum relacionamento com o *stalker*, pois puderam recorrer à Lei Maria da Penha, visto que a Lei 14.132/2021 que incrimina o *stalking* não estava em vigor. A seguir um exemplo que demonstra a influência do medo nessas situações:

*“Acho que eu esperei... esperei pra ir na delegacia. Eu poderia ter ido antes. Então eu acho que eu reagi de uma forma até pacífica, assim, paciente. Por medo... eu tinha medo da reação dele quando ele soubesse que eu abri a ocorrência, sabe?” (Maria).*

Outra situação geradora de medo, ansiedade ou preocupação é receber itens indesejados e presentes (Ngo & Paternoster, 2016). Como relata Joana ao receber um presente do *stalker*: “um presente de alguém que pensou, né?! Que queria muito agradecer, assim, uma coisa que eu realmente gosto... Acho que foi... traumático”.

Outro sentimento identificado nesse estudo é a culpa, isto é, a mulher se sentir ou ser responsabilizada pelo acontecimento. A culpabilização sobre o comportamento da vítima é um fenômeno contemplado nos mais diferentes tipos de violência contra a mulher, incluindo o feminicídio (Alvares & Medeiros, 2019; Meneghel & Margarites, 2017), violência por parceiros íntimos (Maia, 2019) e estupro (Pereira & Carvalho, 2017). No *stalking* não é diferente (Dutton & Winstead, 2011). Neste estudo encontramos relatos das vítimas que se sentiram culpadas tanto em função de situações em que o *stalker* incitou diretamente esse sentimento, como o relato de Maria: “Eu fiquei muito assustada assim, porque eu pensei realmente que ele fosse fazer alguma besteira com ele, assim. E de eu ser a culpada”. Ou por ter vivido essa situação e não ter conseguido se desvencilhar antes.

Logan et al. (2006) concluíram que 68% das participantes de seu estudo acreditaram ser pelo menos parcialmente responsáveis pelo *stalking*, sendo que destas, 16% perceberam que não tinham culpa apenas posteriormente. Essas mulheres pensavam que haviam feito algo para merecer e que deveriam ter lidado melhor ou estabelecido melhor os limites, respondendo de forma diferente à vivência passada.

É importante a vítima poder destituir-se do sentimento de responsabilidade ou culpa. Aquelas que conseguiram superar acusações dos parceiros, amigos e até



parentes, puderam se desfazer deste sentimento, atribuindo a responsabilidade ao *stalker* e com isso conseguindo desenvolver uma significativa força para enfrentar a situação (Logan et al., 2006).

O incômodo foi uma das repercussões emocionais mais comum nas respostas de um estudo com a população espanhola (Villacampa & Pujols, 2018). Sentir-se incomodada pelo comportamento *stalker* está relacionado a situações específicas e, na maior parte dos relatos deste estudo, foi descrito referente ao início do processo de *stalking*. Geralmente os comportamentos de *stalking* vão se tornando mais ameaçadores ao longo do tempo, sendo no início compreendido como um incômodo e posteriormente visto como perigoso ou violento (Goldsworthy & Raj, 2014). O relato de Ana exemplifica a emoção advinda de um comportamento inicial:

*“...nas aulas que eu fui, ele ficava sentado do meu lado. Eu achava aquilo estranho, porque tipo, era uma sala maior que essa e tinha sei lá, cinco pessoas na turma, sabe? Ele ficava sempre grudado em mim e eu só ficava meio incomodada, mas tipo ‘tá, acontece, pode ser só uma pessoa sem noção.”*

Todavia, Joana traz uma sensação de incômodo maior, na qual utiliza o termo “totalmente desconfortável” para se referir à vivência. Nesta situação, o *stalking* já vinha acontecendo há mais tempo: *“E tipo assim, foi gerando uma comoção (...) eu me sentia totalmente desconfortável em sala de aula, era uma coisa assim, era uma perturbação mesmo (...), era algo super constrangedor”*.

Outro viés importante a ser destacado é o de que a percepção de incômodo pode estar associada a questões culturais, inclusive decorrentes da romantização do *stalking*. Um estudo europeu com profissionais que atendem vítimas de *stalking* identificou uma categoria de análise denominada “*stalking* é um incômodo”, na qual discutiu-se a percepção dos profissionais que não entendem que o *stalker* pode ser um criminoso, mas sim alguém que está apenas incomodando (Kamphuis et al., 2005).

A raiva, outro sentimento identificado, surge em situações adversas que acabam afetando a ação que o indivíduo está fazendo ou tem intenção de fazer (Ekman & Cordaro, 2011). No contexto da percepção das vítimas de *stalking*, a raiva emerge pela impossibilidade de fazer e viver da forma como gostariam, sendo uma das mais citadas em relação as repercussões emocionais (Villacampa & Pujols, 2018). O sentimento geralmente está atrelado ao medo que aparece frente à falta de controle, inviabilizando a vítima a realizar as ações cotidianas e ajustes no seu comportamento e/ou rotina. A raiva surge da impossibilidade de ser livre. A relação entre as emoções é exemplificada no relato de Simone que afirmou sentir raiva quando o *stalker* se comunicava com ela pelas redes sociais, passando-se pela própria mãe. Por outro lado, um aspecto positivo desta emoção é que como ela se configura com o impulso para a remoção de

obstáculos, está relacionada significativamente como uma estratégia de enfrentamento legítima – a de mudar atividades diárias (Ngo & Paternoster, 2016), ponto que será discutido também neste estudo.

## Repercussões sociais

O segundo tema elencado refere-se às repercussões sociais vinculadas aos relacionamentos (amorosos, familiares e aos de amizades) e às redes sociais, que levam ao isolamento e ao *cyberstalking*. Destaca-se o sentimento de repressão social, que mesmo em histórias e contextos distintos, permeia todas as narrativas: “*Eu saí de grupos no Facebook, eu saí de grupos no WhatsApp, eu me reprimi socialmente, eu deixei de me expressar...ahn... nas minhas mídias sociais. Ahn... isso doeu muito (...)*” (Joana). Spitzberg e Cupach (2007) abordam as repercussões sociais a partir da perspectiva sistêmica, na qual se entende que as privações e mudanças ocorridas na vida da vítima afetam também a vida das pessoas próximas, ou seja, os efeitos sociais são decorrentes de todas as outras repercussões.

Em relação aos relacionamentos, o *stalking* gera consequências nos relacionamentos com outras pessoas ou mesmo nos relacionamentos íntimos (Matos et al., 2019). As participantes deste estudo relataram sobre a dificuldade em estabelecer novos vínculos em função da dificuldade de confiar em alguém após essas vivências, tanto com ex-companheiros(as) quanto com desconhecidos. Nesse sentido, a repercussão emocional de medo acaba criando um escudo com o intuito de evitar vivências de *stalking*, gerando assim uma repercussão social, conforme exemplos: “*Por muito tempo eu não confiava em nenhum desconhecido. E eu sempre fui muito desconfiada. Então tipo assim, foi mais uma coisa ‘Ah, ok, vou me fechar no meu casulo mesmo’*” (Joana). Ou na fala de Simone: “*E, enfim, eu acho que compartilhar minha vida se tornou um obstáculo muito difícil, assim, sabe?*”.

O *stalker* por vezes ultrapassa o comportamento de perseguição a uma pessoa e passa também a perseguir familiares, amigos ou companheiros(as) das vítimas (Boen & Lopes, 2019). Desta forma, pode acabar repercutindo nas relações e rede apoio destas, assim como gerar novas vítimas, como no caso de Virginia em que o *stalking* ocorreu a partir de um término de relacionamento e o seu pai foi perseguido pela ex-companheira.

Por fim, a evitação a lugares públicos, assim como o isolamento social foram aspectos abordados nas entrevistas por duas participantes. Sendo assim, percebe-se que esse comportamento está relacionado à evitação de constituição de novos vínculos e demonstra a relação entre a repercussão emocional e a repercussão social.

O *cyberstalking* também pode ser observado nas vivências de todas as participantes desse estudo e, sabe-se que este fenômeno tem impactos emocionais, interpessoais, econômicos e no cotidiano das vítimas (Stevens, Nurse, & Arief, 2021).

O subtema foi denominado de “Redes sociais” pois tem como objetivo explicar sobre as repercussões ocorridas em relação ao comportamento e a forma de se relacionar das vítimas por meio das plataformas digitais. Percebe-se que as repercussões analisadas nessa categoria são advindas de *cyberstalking*, entretanto, o foco de análise será a repercussão social deste na percepção da vítima. Nesse sentido, as repercussões mais frequentes foram: parar de publicar/postar nas redes sociais, bloquear o *stalker* ou manter as contas fechadas - permitir a visualização apenas das pessoas autorizadas.

*“E foi assim que eu comecei a ir devagarinho. Tanto é que eu não posto, não sou muito de postar coisa na internet, porque eu morro de medo que ele veja, eu filtro bastante pra que só meus amigos consigam ver, eu não aceito qualquer pessoa. (...) Porque eu morro de medo que um dia ele queira voltar, porque por mais que já faça três anos, mesmo assim, né? É complicado. Vai que ele tenha um surto.” (Nísia)*

As redes sociais fazem parte da rotina das participantes deste estudo. Portanto, a necessidade encontrada por elas de se privar da própria liberdade de expressão pode causar impactos importantes, como a tristeza. Segundo Joana: *“É uma forma que eu gostava muito de me expressar, sabe?, e de conhecer gente nova, e de poder... tipo, é um mundo ali, sabe?! E quando eu tive que bloquear eu me senti muito, muito triste.”*

## Repercussões na rotina

As repercussões na rotina foram abordadas de forma semelhante às repercussões sociais, no sentido da privação e do sentimento de perda. Neste caso, em relação a alteração de rotinas, atividades prazerosas e até do próprio lar. A fim de evitar situações que geram mais constrangimento, ameaça e perigo, as vítimas reorganizam as rotinas. Histórias sobre privação foram amplamente abordadas nas entrevistas, desde situações práticas, como mudar o segredo das chaves da porta. Na maior parte dos relatos a alteração prática se mistura com a emoção que, como já apresentado nas repercussões emocionais, pode estar associada a mecanismos de proteção e/ou evitação das vítimas. Ademais, sabe-se que o *stalking* reverbera em diversos aspectos da vida da vítima, desde questões financeiras até no bem-estar social e na qualidade de vida (Logan & Walker, 2017).

Neste estudo as repercussões na rotina mais frequentes foram as que influenciaram nas atividades diárias e em mudança temporária ou permanente de endereço – aqui descrita como “deslocamento físico”. A seguir são descritas essas ações.

As atividades diárias abordadas pelas participantes se relacionam ao movimento de proteção em relação aos comportamentos *stalkers*. Além da troca do segredo da fechadura das portas, aparece o não andar sozinha, parar de praticar corrida, parar

de frequentar certos lugares, perder amigos em comum, parar de sair para almoçar e mudar horários dos compromissos rotineiros. Mudar as atividades diárias é um dos métodos mais frequentes utilizados pelas vítimas para evitar o *stalking* (Boen & Lopes, 2019; Matos et al., 2019). No exemplo de Maria, ela relatou sobre a necessidade de solicitar ao Recursos Humanos da empresa na qual trabalha a mudança do local onde pegava o transporte privado por se sentir perseguida pelo ex-namorado.

Estudos demonstram que o desempenho profissional/acadêmico das vítimas de *stalking* é afetado (Boen & Lopes, 2019; Matos et al., 2019). Conforme o relato a seguir:

*“Eu não sei quanto isso afetou o meu desempenho acadêmico, porque em vez de prestar atenção na aula eu tava “assim” prestando atenção nele, eu tava “assim” pensando no que eu poderia fazer (...). Ah, eu não me sentia à vontade para fazer nenhum comentário em sala de aula, a minha participação era nula.” (Joana)*

De modo geral, estudos que abordam os impactos do *stalking* na vida das vítimas possuem dados relevantes do quanto a rotina e atividades diárias são afetadas. Boen e Lopes (2019), relatam que aproximadamente 59,8% das mulheres informaram sentir seu estilo de vida/comportamento afetado em algum nível - entre pouco e muitíssimo. Já Matos et al. (2019) apresentam um percentual de 25,4% para relatos de impacto moderado ou importante no estilo de vida/comportamento. O fato é que em algum nível, as vítimas necessitam alterar suas rotinas e atividades diárias em função da vivência de *stalking*.

Em relação ao deslocamento físico, as mudanças de endereço provisórias e permanentes decorrentes do receio de que o *stalking* continue ou se agrave foram relatados neste estudo. As mudanças no estilo de vida podem envolver mudanças de residência, local de trabalho ou escola (Pathé & Mullen, 1997). Como exemplo, o relato de Maria sobre a mudança permanente de residência, afim de “despistar” o *stalker*: “... com certeza impactou assim, na minha escolha de querer mudar da casa da minha mãe. E mudei de cidade (...). Com certeza um dos motivos foi esse, assim... só de eu não querer correr o risco de encontrar na rua”.

Outra estratégia adotada pelas vítimas e que também repercutem na rotina se refere ao comportamento de não sair de casa. Algumas vítimas de *stalking* evitam ambientes sociais e acabam permanecendo em casa com medo de encontrar o *stalker* (Pathé & Mullen, 1997). Também foi possível encontrar relatos nesse sentido, conforme exemplo a seguir: “(...) eu lembro que, quando aconteceu, eu passei acho que uns dois meses com muita dificuldade de sair de casa.”

Ao finalizar as análises desse estudo, conclui-se que o *stalking* provoca repercussões importantes e significativas em aspectos globais na vida das vítimas. Portanto, foi possível identificar diferentes percepções das participantes em relação

ao vínculo com o *stalker* e o nível de violação/invasão que os comportamentos causaram, como se era esperado considerando suas histórias pregressas: O sentimento de “incômodo” foi uma repercussão emocional mais comum e frequente quando o *stalker* não era um(a) ex-parceiro(a), já a “culpa” foi uma emoção mais citada por mulheres que foram perseguidas por ex-companheiros. As participantes demonstraram sensibilizadas e fragilizadas com essa situação, o que pode levar a uma situação de maior vulnerabilidade e um risco para sua saúde emocional, por exemplo, ao se sentirem culpadas por terem tido um relacionamento amoroso e foram envolvidas naquela situação de *stalking*.

Compreende-se também por meio de uma perspectiva sistêmica integrativa que as repercussões podem ser vistas como consequências dessa vivência e podem surgir como mecanismos adaptativos de proteção, tanto em relação ao que já vem ocorrendo, mas também pelo temor do que pode vir a ocorrer. O medo (repercussão emocional) que foi constantemente abordado pelas participantes nas entrevistas e está relacionado com aspectos sociais e na alteração da rotina. O medo é considerado como um aspecto fundamental vinculado a definição do *stalking*, pois a perseguição do *stalker* é uma tentativa de controle sob a vítima, levando-a a se sentir impotente e vulnerável. Nesse sentido, as repercussões acontecem como um ciclo (circularidade causal), isto é, a repercussão emocional causada pelo *stalking* (por exemplo: medo) pode levar a um comportamento de evitação e consequente privação, como relatado por Joana ao parar de publicar em sua rede social favorita, que com o intuito de se proteger/defender (repercussão social) e mudar de residência (repercussões na rotina). Esse comportamento de Joana gerou outras repercussões emocionais, como a raiva e o sentimento de incômodo. Assim, as repercussões emocionais, sociais e na rotina estão inter-relacionadas.

Em tempo, compreendeu-se que o *stalking* abrange relações interpessoais de forma geral, desde relacionamentos íntimos, de amizade, colegas ou até mesmo desconhecidos. Nos relatos analisados nos quais a vitimização ocorreu a partir de um relacionamento íntimo, o *stalking* não ocorreu apenas após o rompimento. Uma das mulheres foi vítima de perseguições enquanto ainda estava se relacionando, enquanto outra sofria violências física e psicológica ao longo do período do namoro. Portanto, o *stalking* talvez já estive presente na relação por parceiros íntimos, mas não se percebia a sua severidade, pois nas relações amorosas, o ciúme e o controle são muitas vezes internalizados como uma prova de amor (Santos, 2019).

Observa-se que as estratégias utilizadas para lidar com eventos estressores são diversas, mas predominam a evitação e a privação, tanto que criam/elaboram situações para não se encontrarem com o *stalker*, tanto pelo temor de vê-lo como pela possibilidade de confrontá-lo. Isso afeta diretamente suas relações sociais e a possibilidade de criar novos vínculos. Portanto, os sentimentos advindos dessa

vivência são intensos e prejudiciais à saúde como um todo. Os aspectos relacionados à repercussão social, nesse estudo, são compreendidos como geradores um de outras repercussões, uma vez que envolve pessoas próximas e queridas pelas vítimas, causando mais medo, culpa, incômodo, raiva e conseqüentemente maiores privações em suas rotinas, por não se tratar mais da proteção (ou falta desta) de si mesma, mas de todo um sistema.

## Considerações Finais

A partir da escassez de estudos com a temática *stalking* no Brasil e ainda com dados alarmantes de mulheres em situação de vulnerabilidade e esse tipo de comportamento, este estudo contribui cientificamente para a reflexão sobre esse fenômeno. As limitações perpassam a dificuldade de atingir o público alvo. Por mais que o material de divulgação da pesquisa estivesse bastante explicativo, a maioria das participantes procurou as pesquisadoras com dúvidas sobre terem sido vítimas de *stalking*, dado que demonstra novamente a necessidade de disseminação do tema na sociedade. Outra limitação da pesquisa foi a dificuldade encontrada no processo de entrevistas em função da necessidade de distanciamento social causado pela COVID-19.

Salienta-se que este estudo não buscou generalizar os dados para a população foco da pesquisa, mas sim, investigar e compreender de forma mais aprofundada quais foram as percepções das participantes acerca das repercussões emocionais, sociais e na rotina em decorrência das vivências como vítimas de *stalking*. Para os próximos estudos na área, sugere-se que possam abranger uma população maior no contexto brasileiro, assim como pesquisas que possam ter o *cyberstalking* como foco.

A partir das análises e conclusões deste estudo, destaca-se a importância de que pesquisas sobre o tema sejam cada vez mais frequentes a fim de embasar e tornar pauta a criação de programas específicos advindos de políticas públicas protetivas para as mulheres vitimizadas pelo comportamento *stalking*. Assim, poder-se-á proporcionar espaços seguros e suficientemente capazes para acolher emocionalmente e socialmente essas mulheres, contribuindo no rompimento da circularidade causal que repercute deste fenômeno. Ainda, o conhecimento no tema precisa ser divulgado para que a população compreenda que a perseguição é um fenômeno violento e não uma nuance do amor romântico. Assim, talvez possa contribuir para que as mulheres não se sintam culpadas por passarem por situações de *stalking* e façam a denúncia aos órgãos competentes, garantindo seu direito à liberdade.



## Referências

- Alves, B. Z.; Carrion, A. J., Oliveira, B. C. F. & De Antoni (2022). Comportamentos do *Stalking*: tipologia e manifestações. *Contextos Clínicos*, 15(2), 543-568. doi: <https://doi.org/10.4013/ctc.2022.152.10>
- Alvares, J., & Medeiros, C. (2019). A culpa é de que (m)? O invisível e o incógnito no discurso sobre o feminicídio. *Revista Memorare*, 6(1), 172-188. doi: <https://doi.org/10.19177/12019172-188>.
- Banyard, V. L., Demers, J. M., Cohn, E. S., Edwards, K. M., Moynihan, M. M., Walsh, W.A., & Ward, S. K. (2017). Academic correlates of unwanted sexual contact, intercourse, stalking, and intimate partner violence: An understudied but important consequence for college students. *Journal of interpersonal violence*, 1, 1-18. doi: <https://doi.org/10.1177/0886260517715022>.
- Boen, M. T., & Lopes, F. L. (2019). Vitimização por stalking: um estudo sobre a prevalência em estudantes universitários. *Revista Estudos Feministas*, 27(2). doi: <https://doi.org/10.1590/1806-9584>.
- Borges, J. L., & Dell'Aglío, D. D. (2019). Stalking Following the Breakup of Dating Relationships in Adolescence. *Trends in Psychology*, 27(2), 413-426.
- Braun, V. & Clarke, V. (2019). Reflecting on reflexive thematic analysis. *Qualitative Research in Sport, Exercise and Health*, 11(4), 589-597, doi: <https://doi.org/10.1080/2159676X.2019.1628806>
- Breiding, M. J. (2014). Prevalence and characteristics of sexual violence, stalking, and intimate partner violence victimization. *Morbidity and mortality weekly report. Surveillance summaries*, 63(8), 1-18. Retrieved from <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4692457/>
- Dietz, N. A., & Martin, P. Y. (2007). Women who are stalked: Questioning the fear standard. *Violence against women*, 13(7), 750-776. doi: <https://doi.org/10.1177/1077801207302698>.
- Dutton, L. B., & Winstead, B. A. (2011). Types, frequency, and effectiveness of responses to unwanted pursuit and stalking. *Journal of Interpersonal Violence*, 26(6), 1129-1156. doi: <https://doi.org/10.1177/0886260510368153>.
- Edwards, K. M., & Gidycz, C. A. (2014). Stalking and psychosocial distress following the termination of an abusive dating relationship: A prospective analysis. *Violence against women*, 20(11), 1383-1397. doi: <https://doi.org/10.1177/1077801214552911>.
- Ekman, P., & Cordaro, D. (2011). What is meant by calling emotions basic. *Emotion review*, 3(4), 364-370. doi: <https://doi.org/10.1177/1754073911410740>.
- Goldsworthy, T., & Raj, M. (2014). Stopping the Stalker: Victim responses to Stalking An examination of victim responses to determine factors affecting the intensity and duration of stalking. *Griffith Journal of Law & Human Dignity*, 2(1). Retrieved from <https://griffithlawjournal.org/index.php/gjlhd/article/view/575>

- Kamphuis, J. H., Galeazzi, G. M., De Fazio, L., Emmelkamp, P. M., Farnham, F., Groenen, A., & Vervaeke, G. (2005). Stalking - perceptions and attitudes amongst helping professions. An EU cross-national comparison. *Clinical Psychology & Psychotherapy: An International Journal of Theory & Practice*, 12(3), 215-225. doi: <https://doi.org/10.1002/cpp.451>.
- Kuehner, C., Gass, P., & Dressing, H. (2012). Mediating effects of stalking victimization on gender differences in mental health. *Journal of interpersonal violence*, 27(2), 199-221. doi: <https://doi.org/10.1177/0886260511416473>.
- Lacerda Almeida, E. V., & Borba, F. (2022). A Lei Maria da Penha: uma política pública brasileira de combate à desigualdade de gênero. *Debate Feminista*, 64, 144-165. doi: <https://doi.org/10.22201/cieg.2594066xe.2022.64.2355>
- Logan, T. K., & Walker, R. (2017). Stalking: A multidimensional framework for assessment and safety planning. *Trauma, Violence, & Abuse*, 18(2), 200-222. doi: <https://doi.org/10.1177/1524838015603210>.
- Logan, T. K., & Walker, R. (2019). The impact of stalking-related fear and gender on personal safety outcomes. *Journal of interpersonal violence*, 1, 1-23. doi: <https://doi.org/10.1177/0886260519829280>.
- Maia, A. S. M. (2019). O silêncio do arguido, a culpa da vítima: uma proposta sociológica no domínio do crime de violência doméstica. *Dissertação de Mestrado não-publicada*, Universidade do Porto, Porto, Portugal. Retrieved from <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/123381/2/362512.pdf>
- Matos, M., Grangeia, H., Ferreira, C., Azevedo, V., Gonçalves, M., & Sheridan, L. (2019). Stalking victimization in Portugal: Prevalence, characteristics, and impact. *International Journal of Law, Crime and Justice*, 57, 103-115. doi: <https://doi.org/10.1016/j.ijl-cj.2019.03.005>.
- Meneghel, S. N., & Margarites, A. F. (2017). Femicídios em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil: iniquidades de gênero ao morrer. *Cadernos de Saúde Pública*, 33(12). doi: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00168516>.
- Ngo, F. T., & Paternoster, R. (2016). Toward an understanding of the emotional and behavioral reactions to stalking: A partial test of general strain theory. *Crime & Delinquency*, 62(6), 703-727. doi: <https://doi.org/10.1177/0011128713510077>.
- OPAS (2023). *Folha informativa - Violência contra as mulheres*. Retrieved from <https://www.paho.org/bra/>
- Owens, J. G. (2016). Why definitions matter: Stalking victimization in the United States. *Journal of interpersonal violence*, 31(12), 2196-2226. doi: <https://doi.org/10.1177/0886260515573577>.
- Pathé, M., & Mullen, P. E. (1997). The impact of stalkers on their victims. *The British Journal of Psychiatry*, 170(1), 12-17. doi: <https://doi.org/10.1192/bjp.170.1.12>.
- Pereira, M., & Carvalho, A. D. M. C. (2017). “A culpa é sempre delas... sempre”: disciplina e poder na culpabilização da vítima de estupro. *Revista Colineares*, 4(2), 25-35. Retrieved

- from <https://natal.uern.br/periodicos/index.php/RCOL/article/view/140>.
- Peterson, C., Liu, Y., Kresnow, M. J., Florence, C., Merrick, M. T., DeGue, S., & Lokey, C. N. (2018). Short-term lost productivity per victim: intimate partner violence, sexual violence, or stalking. *American journal of preventive medicine*, 55(1), 106-110. doi: <https://doi.org/10.1016>.
- Prando, C. C. D. M., & Borges, M. P. B. (2020). Concepções genderizadas na análise de deferimento das Medidas Protetivas de Urgência (MPUs). *Revista Direito GV*, 16(1). doi: <https://doi.org/10.1590/2317-6172201939>.
- Reyns, B. W., Henson, B., Fisher, B. S., Fox, K. A., & Nobles, M. R. (2016). A gendered lifestyle-routine activity approach to explaining stalking victimization in Canada. *Journal of Interpersonal Violence*, 31(9), 1719-1743. doi: <https://doi.org/10.1177/0886260515569066>.
- Santos, E. Q. (2019). Crimes Passionais ou Femicídio? Conceitos e a Relação entre os Relacionamentos Tóxicos e o Ciúme Patológico. *Brazilian Journal of Forensic Sciences, Medical Law and Bioethics*, 8(4), 272-292. doi: [https://doi.org/10.17063/bjfs8\(4\)y2019272](https://doi.org/10.17063/bjfs8(4)y2019272)
- Sheridan, L., Lyndon, A. E. (2012). The influence of prior relationship, gender, and fear on the consequences of stalking victimization. *Sex Roles*, 66(5-6), 340-350. doi: <https://doi.org/10.1007/s11199-010-9889-9>.
- Spitzberg, B. H., & Cupach, W. R. (2007). The state of the art of stalking: Taking stock of the emerging literature. *Aggression and violent Behavior*, 12(1), 64-86. doi: <https://doi.org/10.1016/j.avb.2006.05.001>.
- Stevens, F., Nurse, J. R., & Arief, B. (2021). Cyber stalking, cyber harassment, and adult mental health: A systematic review. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 24(6), 367-376.
- Villacampa, C., & Pujols, A. (2018). Effects of and coping strategies for stalking victimization in Spain: Consequences for its criminalization. *International journal of law, crime and justice*, 56, 27-38. doi: <https://doi.org/10.1016/j.ijlcj.2018.11.002>.